

PROJETO MEMÓRIA – ICIB (INSTITUTO CULTURAL ISRAELITA BRASILEIRO)  
ENTREVISTADO: PROF. JACOB GUINSBURG

ENTREVISTADORES: FRIMA GRINSPUM e SARA FRIDMAN

DATA: 17-10-2000

LOCAL: residência do prof. Guinsburg.

Local de nascimento: Rascani – Bessarábia – Romênia

Data de nascimento: 20/09/1921

Data de chegada ao Brasil: 1925

Conheci o Yugunt Club, mais ou menos na década de 30. Por causa da minha prima Bessy e do seu marido Isaac Naspitz. Isso foi na Rua José Paulino. Na R. José Paulino estive o Yugunt Club em três lugares diferentes – Isso foi por volta de 33/34.

Quando eu tinha 12 anos, eu ia com eles, minha prima e o esposo, para lá para ver os espetáculos teatrais, especialmente no Yom Kipur, quando eles tinham o hábito de fazer o teatro anti-religioso, faziam o chamado “teatro contra o ópio dos povos” - portanto todo o Yom Kippur havia uma representação. Tinham um grupo teatral muito ativo com um diretor, cujo nome não me recordo, mas foi assim até 1934/35. Nesta época eu estava um pouco mais politizado e me lembro de uma série de coisas que lá aconteceram. Época da guerra da Espanha e a época das prisões. Estive nesse grupo por acaso na época da Chácara Maria Zélia, foi quando conheci todo o mundo do Yugunt Club.

Anteriormente faziam parte do Club, a Bessy a qual já me referi, a Felícia que casou com Hersch, a Inês, depois foi para o Rio. Meu pai não era ligado a eles e sim esse pessoal que citei.

Então eu tenho uma certa memória ligada às atividades do Yugunt Club. Agora, a minha atuação pessoal veio posteriormente, foi na época que o Yugunt passou a chamar - se “Cultura e Progresso”. Em função de problemas na área partidária, sempre houve uma ligação do Club com o “partido”, quer seja direta ou indiretamente. O Club começou a desenvolver uma atividade mais ampla, mais abrangente. Começou com uma política mais sectária, mais em função da própria guerra. Como eu estava ligado às atividades partidárias desde 34, me convidaram para organizar o departamento juvenil do Club. Era uma tarefa. Essa tarefa, nós a desenvolvemos e eu fui o 1º presidente do “Departamento juvenil” no centro Cultura e progresso. Eu funcionei neste tipo de trabalho o tempo todo que o “Progresso” esteve na R. José Paulino, até quando se mudou para a R. Prates. Era uma atividade social e política intensa. Desenvolvia-se sob 3 aspectos – tinha uma atividade social (agregações, atividades dos jovens, palestras conferências, pic-nics0- atividade política judaica, ligada com a guerra, contra o hitlerismo, fascismo e também com a situação nacional. Havia naturalmente um aspecto nacional especificamente).

Logo antes do Prestes ser anistiado, organizamos uma noite com Jorge amado, que foi um sucesso, porque era um momento político nacional, muito especial.

O pessoal que depois continuou o trabalho, como Fetbrot, já eram elementos mais jovens. Quem atuava muito no Club, era o Moises Wainer, casado com a Felícia, irmã da Fanny, esposa do Lipman.

Foi no Progresso que eu mais entrei em contato com a literatura iídiche e o teatro iídiche.

Porque no Yugunt e no Progresso a língua era o iídiche.

Falava-se também português, mas era o iídiche que era a língua cultural da maioria dos sócios. Discutia-se muito sobre Peretz, Scholem Aleichem, vinham enviados dos Estados Unidos, ligados com o YKUF, foi, por exemplo, o Club que organizou, o envio de um representante brasileiro para a conferência internacional do YKUF em Paris – 1937. Foi o Menachem, escolhido como delegado brasileiro. Portanto a minha participação foi às vezes de um modo político, mas a maioria das vezes de maneira que descrevi. Com o grupo mais velho, participei pouco. Participei quando surgiu o jornal “Nossa Voz” onde a intenção era fazer um jornal de massa iídiche pelo grupo jovem do “Progresso”, era o mesmo que estava na diretoria do Club: Godel Kon, Yankel, Lipchitz, alguns simpatizantes, que tinham mãos ajudaram a comprar a tipografia do Frankental. Logo o “Nossa Voz” começou a ter uma página em português, e também era eu que traduzia uma boa parte do material para o iídiche.

Com o tempo havia mais redatores e imediatamente depois veio a Revista “Reflexo”. Era uma revista dirigida pelo Israel Febrot, e eu também comecei a colaborar (1946 a 1948), Foi aí que comecei a me distanciar do Club, primeiro porque organizei a minha primeira editora A Rampa, mas colaborei no “Reflexo” durante muito tempo. Depois, na “Casa do Povo”, também tive

PROJETO MEMÓRIA – ICIB (INSTITUTO CULTURAL ISRAELITA BRASILEIRO)  
ENTREVISTADO: PROF. JACOB GUINSBURG

algumas participações de ordem cultural, mas sempre atividades do grupo jovem. Particpei da inauguração da Casa do Povo. Mas vale dizer, que todos os que participavam do “Yugunt”, “Progresso”, “Casa do Povo” tiveram uma postura política. Havia um fator político Fundamental – que era decisivo. A visão sobre o problema judeu na época – decorria desta postura política. Tudo isto acompanhei muito de perto, até mais ou menos 1950. Meu afastamento esteve essencialmente ligado às discordâncias que apareceram nessa entidade, formadas pelos judeus da Casa do Povo. Fui considerado até traidor.

Sara; Mas não é bem assim, Guinsburg. É. O sr. Schechter, pouco antes de falecer negou-se a me estender a mão, porque na visão dele tudo que saía fora das ordens, porque ele via o partido como uma ordem monástica, de executores do divino “Stalin” e quando alguém pensava de outra maneira, então estava fora. Isto já passou?

**Guinsburg** – tudo passou, por isso o meu livro se chama “O que aconteceu – aconteceu”.

**Sara** – A Hugueta e o Sendacz – tiveram, por exemplo, o mesmo problema.

**Guinsburg** – O Sendacz teve o caminho inverso – ele veio do “Hatzchomer Hatzair”, ele era sionista. O Hashomer teve sempre uma linha intermediária – era um partido de esquerda dentro do lado do partido sionista. E havia também o “Politzion”. O Sendacz finalmente se ligou ao movimento progressista.

**Sara** – eu li o depoimento da Hugueta e naquela época houve uma grande perseguição aos literatos judeus na URSS. Ela e o marido, também passaram a pertencer à dissidência – como ela e o marido diziam – pecaram contra nós, mas nós não pecamos.

**Guinsburg** – é claro, houve rachas. O primeiro foi com os trotskistas, e foi em 34/35. O Veltman era um deles. Houve outros rachas no partido. Ex. a bandeirantes era um “racha” que influiu na área judaica. Depois veio o problema de Israel – tirando o Hashomer e o politzion, sionista era sempre reacionário, a linha era muito nítida.

Depois tornou-se muito nítida entre progressistas e sionistas – a dissidência entre os progressistas foi política. Com o tempo, veio o “racha” na própria “Casa do Povo” devido à questão de Israel. Portanto vemos que houve entre os progressistas 3 “rachas”.

**Sara** – acho que hoje a política não é mais de rivalidade dentro da entidade progressista judaica ou com outras entidades progressistas, hoje estamos numa política de colaboração.

**Guinsburg** – não é problema de rivalidades, é problema de posições. Abriga é em torno de posições políticas.

Tanto quando houve o racha na Casa do Povo, o Yankel Len, que pertencia ao grupo do Naspitz, do Kon. Do Cymbalista (que eram seus amigos), ele ficou do outro lado. Ele ficou com o grupo da Casa do povo, com o Fima. Conheci o Fima e a esposa Eliza na “Federação dos estudantes do estado de São Paulo”. Os conheci depois na Casa do Povo, pois antes eles eram distantes do movimento judeu, eles se aproximaram no fim da guerra. Houve é claro uma parte – ocupação da esquerda judaica no tempo da guerra, como o comitê mrs. Churchil – com a participação de Manoel Casoy, Godel Kon. A “Federação dos estudantes do estado de São Paulo” foi fundada com a participação da esquerda judaica. Estavam lá na fundação pessoas como Godel Kon. Na realidade houve uma atividade política por parte dos progressistas, muito intensa. Trabalharam muito.

**Sara** – mas essa atividade muito intensa, através de outros depoimentos que tivemos. Mas vê-se que depois dos anos 70, houve um declínio.

**Guinsburg** – Acredito que foi depois dos anos 60. Aí começou a primeira divisão “racha”. Antes disso, a Luiza, a Bessy, a esposa do Saul, um grupo enorme de pessoas tinham uma grande atividade em obter fundos para os trabalhos sócio-culturais políticos da entidade judaico progressista, ou, diga-se melhor, da casa do povo. As mulheres eram vendedoras eméritas, em

PROJETO MEMÓRIA – ICIB (INSTITUTO CULTURAL ISRAELITA BRASILEIRO)  
ENTREVISTADO: PROF. JACOB GUINSBURG

tudo que era bilhete para estes fins. Elas faziam toda a José Paulino, Rua das palmeiras e onde mais fosse preciso para fazer as vendas. Elas conseguiam. Havia também o Socorro Vermelho que recolhia fundos para ajudar os presos políticos e suas famílias.

Ao Socorro Vermelho pertenciam geralmente as pessoas mais idosas, que trabalhavam na ajuda. Esse Socorro era uma organização política, que recolhia mais para ajudar os presos políticos e famílias. Esse socorro que ajudou a Genny Gleiser, cujo pai Motel Gleizer, muito amigo de minha família, pois ele era da mesma cidade da Romênia, do meu pai, cidade onde nasci, portanto ele era habitue da minha casa.

**Frima** – você conheceu o Jacó, meu irmão?

**Guinsburg** – conheci no Circulo Israelita, quando ele veio de Pernambuco.

**Frima** – eu não sei se ele teve alguma participação efetiva no movimento judaico?

**Guinsbrug** – ele se aproximou depois quando se casou com a Mariana.

Portanto acho que já percorri todos os itens do ‘Roteiro de Entrevista “ que vocês me apresentaram.

Acrescento à pergunta – “o que me levou a freqüentas as entidades judaico progressistas?”.

Dois razões essencialmente: uma social e uma de ordem política.

Social- eu era jovem, eu vivi nesse meio, cresci nesse meio. Conhecia todos desse meio. Éramos jovens casais, e todos vinham à minha casa à convite da Bessy e do Isaac Naspitz e assim me entrosei nesse meio.

Sobre as publicações da época do Yugunt, Progresso e Casa do Povo – enquanto eu participava mais ativamente conheci o “Undzer Stime”, “O Reflexo”, havia também uma revista “Dês Spieugel”. Havia publicações que vinham de fora, Argentina, estados unidos, Polônia que em minha casa não assinavam.

O que li muito foi literatura judaica revolucionária, em geral eu a lia em ídiche. Havia na Biblioteca do progresso umas publicações que se chamavam “Ėjroshen Bibliotec” (bliblioteca do tstav) onde publicavam de forma muito popular, muitas histórias, sobretudo de revolucionários. O meu contato com a literatura ídiche se deu fundamentalmente no Progresso”.

E foi aí que conhecia literatura ídiche, pois na minha casa o conhecimento judaico restringia-se à formação religiosa. Eu já disse isso uma vez – pois o meu professor de bar-mitsva era trotkistas, portanto ensinava a rezar, e ao mesmo tempo criticava tudo, portanto foi no Progresso que consegui ter a minha formação judaico-literária e judaica – política – através do Yugunt Club e do progresso. Hebraico, aprendi sozinho. Não foi uma formação regular. No progresso todos os grandes nomes da literatura judaica, foram lá discutidos. Alguns autores não eram lá bem vindos, como Scholem Asch. Considerados deuses literários eram Peretz ou Scholem Aleichem. O Mendele também, mas menos do que estes dois.

A literatura judaico-progressista, que na Polônia havia muito, conheci pouco, pois o próprio pessoal do Yugunt ou do progresso, cultivavam pouco essa literatura. Eram estudados só os clássicos.

Na Polônia, não era assim, já naquela época (anos 20) os literatos chamados progressistas eram bastante cultivados.

Havia uma literatura moderna, tanto de caráter político como de caráter estético.

**Sara** – lá pelos anos 20?

**Guinsburg** – Sim. Houve uma literatura judaico expressionista, importante. Finalizando, posso dizer que minha atuação junto aos judeus da Casa do Povo foi mais no Yugunt e no Progresso. No ICIB, no início estive ligado e depois me afastei, por várias razões.

Particpei do ICIB ainda em alguns trabalhos culturais, mas não com a mesma intensidade.

Respondendo à pergunta: “Se meus filhos freqüentaram a Escola Scholem Aleichem?” Respondo que não por alguma razão específica, mas porque vivíamos em outro bairro. Quanto ao material iconográfico talvez eu tenha. Especialmente fotos das festas, pic-nics, mas no momento não estão disponíveis.